



O repertório antroponímico da lista de desaparecidos de Petrópolis – RJ: um estudo de caso

The anthroponymic repertoire of the list of disappeared people of Petrópolis – RJ: a case study

Márcia Sipavicius Seide

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Cascavel, Paraná / Brasil

Marcia.Seide@unioeste.br

<https://orcid.org/0000-0003-2859-1749>

Melissa Moreira de Lima

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Cascavel, Paraná / Brasil

melissamore@outlook.com

<http://orcid.org/0009-0005-2858-8218>

Resumo: Este artigo descreve um estudo de caso acerca da etimologia e da história social do léxico antroponímico da lista de desaparecidos de Petrópolis – RJ com o objetivo de evidenciar o repertório de prenomes do Português Brasileiro como parte do léxico da língua portuguesa. A pesquisa apresentada está embasada em Amaral e Seide (2020), Soledade (2019), Guérios (1980) e Piel (1989). Os procedimentos metodológicos consistiram na elaboração de repertório de prenomes, contextualização da pesquisa, análise dos dados coletados e discussão dos resultados obtidos. O repertório foi constituído pela criação de uma listagem de nomes de pessoas desaparecidas de Petrópolis em decorrência das inundações ocorridas em 2022 com base em outras listas publicadas em jornais locais e nacionais. A contextualização foi feita mediante pesquisa bibliográfica sobre a história e as características urbanas da cidade. A análise dos dados foi feita qualitativamente de acordo com a etimologia dos prenomes e quantitativamente por porcentagem simples. A análise e discussão dos dados demonstram que as tendências nacionais apontadas por Soledade (2019) também são observadas na amostra analisada e que, em ambos os casos, os dados antroponímicos convergem com os lexicais: há

nomes comuns e nomes de pessoas de origem latina, de origem grega e de origem bíblica e também nomes provenientes da língua francesa e da língua inglesa.

Palavras-chave: Onomástica; Antroponomástica; prenomes; Petrópolis.

Abstract: This article describes a case study about the etymology and social history of the anthroponymic lexicon of the list of disappeared people of Petrópolis – RJ with the objective of evidencing the repertoire of first names of the Brazilian Portuguese as part of the lexicon of the Portuguese language. The theoretical foundation of the research is based on Amaral and Seide (2020), Soledade (2019), Guérios (1980) and Piel (1989). The methodological procedures consisted of the elaboration of a repertoire of first names, contextualization of the research, analysis of the collected data and discussion of the results obtained. The repertoire was constituted by the creation of a list of first names of people missing from Petrópolis because of the floods that occurred in 2022 based on previous lists published in local and national newspapers. The contextualization was made through bibliographic research on the history and urban characteristics of the city. Data analysis was performed qualitatively according to the etymology of the first names and quantitatively by simple percentage. The analysis and discussion of the data demonstrate that the national trends pointed out by Soledade (2019) are also observed in the sample analyzed and that, in both cases, the anthroponymic data converge with the lexical ones: there are nouns and names of people of Latin origin, of Greek origin and of biblical origin and also names coming from the French language and the English language.

Keywords: Onomastics, Anthroponomastics, first names, Petrópolis.

1 Introdução

A formação do léxico da Língua Portuguesa iniciou ainda na época em que o latim vulgar era falado na península ibérica, trata-se de um processo que continua em curso. Conforme mostra a expansão do léxico do idioma de Camões, sua evolução acompanhou os contatos que os portugueses tiveram com variados povos, línguas e culturas (PIEL, 1989) e também sofreu influência das hegemonias de determinadas nações da Europa e do mundo, como é o caso, notadamente, da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Na camada mais primitiva ou antiga, há o vocabulário oriundo dos povos que ocupavam a península ibérica antes de a região ser colonizada

pelos romanos. Nessa camada, há palavras provenientes dos estratos celta e ibérico. Como é o caso das palavras “carro”, “cerveja” e “saia”. Há também palavras fenícias como “barca”. “mapa”, “saco” e “atum”. Desde esta época e perpassando o Império Romano até a Idade Média, há os empréstimos da língua basca. São desta origem, as palavras “esquerda”, “balsa” e “sapo” (Vilela, 1994).

A camada mais espessa é formada por elementos latinos e constitui um léxico herdado, no qual há palavras cotidianas como “cavalo”, “boca” e “abelha”. Em paralelo, foram acrescentadas palavras do latim clássico, erudito e restrito às camadas mais abastadas da população que tinha acesso à escrita. Elas foram sendo incluídas paulatinamente tendo havido picos de incorporação lexical no Renascimento. “Apicultura”, “equestre” e “caput” são exemplos de palavras originadas no latim clássico (Vilela, 1994).

Desde o latim clássico, observa-se a influência da língua e da cultura grega, as quais faziam parte do cotidiano dos patrícios romanos e estão presentes na língua portuguesa e nas demais línguas românicas. Há palavras que já estavam incorporadas à língua latina desde muito tempo – como é o caso, por exemplo, das palavras “bolsa”, “calma” e “cara” –, palavras ligadas ao cristianismo – “anjo”, “apóstolo”, “igreja”, etc. – e palavras relativas às ciências – “matemática”, “filosofia”, “filologia”, etc. (Vilela, 1994).

Mais recentemente, muitas outras palavras de origem erudita foram criadas a partir da Revolução Industrial: são termos técnicos nomeadores de descobertas e invenções formados a partir de raízes e sufixos gregos e latinos. A maioria desses termos foram criados na língua francesa e na inglesa e foi incorporada como empréstimos de segunda mão para a língua portuguesa (Vilela, 1994).

Outros povos que habitaram a Península Ibérica também deixaram suas marcas no léxico. Os povos germânicos – godos, visigodos e suevos – trouxeram para a língua portuguesa palavras como “agasalho”, “guerra” e “jardim”. Séculos mais tarde, houve a invasão islâmica na península e a incorporação de palavras árabes. São exemplos de arabismos as palavras “álgebra”, “zero”, “azeite” e “aldeia” (Vilela, 1994).

Depois da reconquista, o estado-nação Portugal se consolidou e houve a expansão ultramarina colonialista. A expansão das fronteiras políticas portuguesas acarretou na incorporação de muitas outras palavras e o surgimento de variantes não europeias do idioma, sendo este o caso do

Português Brasileiro cujo léxico incorporou palavras de origem indígena como “farofa”, “cururu” e “jabuti”. Outra expansão lexical ocorreu com a incorporação de palavras de origem africana, como é o caso de palavras como “moleque”, “caçula” e “cachaça”.

Ainda sobre o Português Brasileiro, o léxico em uso também se expandiu mediante incorporação das línguas dos migrantes que chegaram massivamente a partir do século retrasado. Dos imigrantes italianos, por exemplo, vieram palavras como “lasanha”, “pizza” e “nhoque”. Dos imigrantes árabes, “esfirra”, “kibe” e “tabule”, só para dar alguns exemplos.

Outra influência que não se pode desconsiderar é o das demais línguas europeias modernas no léxico português tanto europeu como brasileiro, a começar pela língua francesa, da qual a língua portuguesa pegou de empréstimos numerosas palavras desde a Idade Média; a língua espanhola e a língua italiana e, mais recentemente, a língua inglesa.

Em todas as épocas, tanto no Brasil como em Portugal e também nos países africanos que tem a língua portuguesa como língua oficial (Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe), houve incorporação de itens lexicais provenientes de línguas de prestígio como a língua inglesa e a língua francesa, como atestam, por exemplo, os galicismos “purê” e “toilet” e os anglicismos, “mouse”, “clique” e “bife”.

Como se percebe por este breve panorama, a formação do léxico da língua portuguesa é um processo histórico multissecular que envolve várias línguas e culturas e que não terminará enquanto a língua portuguesa continuar a ser usada. Esta breve síntese da constituição lexical da Língua Portuguesa seguiu de perto o que se encontra nos manuais de Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa nos quais não se faz nenhuma menção aos nomes próprios, sejam eles de lugares ou de pessoa.

Tendo em vista esta lacuna de pesquisa, o objetivo deste artigo é evidenciar que a constituição do repertório de prenomes do Português Brasileiro faz parte do léxico da língua portuguesa a partir de um estudo de caso tendo por base uma pesquisa anterior (SOLEDADE, 2019) a qual, salvo engano, foi a primeira a propor a inclusão da análise dos prenomes no contexto mais amplo do Português Brasileiro. Em comparação com a investigação de Soledade (2019), a pesquisa apresentada ao longo deste artigo se diferencia exatamente por ser um estudo de caso, isto é, por se tratar de uma pesquisa localizada e contextualizada num determinado município brasileiro, enquanto o dela traz um estudo em âmbito nacional,

exploratório e panorâmico. Este estudo de caso utiliza como fonte de dados listas de desaparecidos de Petrópolis na enchente de 2022, devido ao fato de se saber que a maioria da população afetada faz parte do extrato mais numeroso da população tanto da localidade quanto da nação, motivo pelo qual se partiu do pressuposto de que tal amostra de nomes seria representativa da maior parte da população brasileira a qual se encontra, lamentavelmente, em situação de vulnerabilidade social e econômica.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, há a fundamentação teórica seguida dos procedimentos metodológicos adotados, na segunda, a contextualização da coleta de dados e, na terceira e última seção do artigo, apresentação e discussão dos resultados obtidos. Encerrando o artigo, são feitas algumas considerações finais.

2 Fundamentação teórica e procedimentos metodológicos da pesquisa

Fundamentam esta pesquisa os conceitos de Onomástica e de nomes próprios de pessoas de acordo com Amaral e Seide (2020), a análise etimológica proposta por Guérios (1980) e pelo site *Behind the Names* e o estudo anterior sobre a sócio-histórica dos prenomes registrados no Brasil pelo IBGE por Soledade (2019).

A Onomástica é uma área de estudo voltada aos nomes próprios em todos os aspectos possíveis. A Onomástica se divide em duas áreas principais: a Antroponomástica que estuda os nomes próprios de pessoas e a Toponomástica (Amaral; Seide, 2020, p. 10). Este estudo de caso foca um conjunto específico de antropônimos: os mencionados em listas de desaparecidos em virtude de enchentes ocorridas na cidade de Petrópolis (RJ) em fevereiro de 2022.

Nomear pessoas, lugares, objetos é uma ação que envolve sensações e emoções que se faz presente na vida do ser humano desde sempre. A nomeação carrega sentimentos, talvez de posse, de afeto e, com certeza, carrega a ideologia dos nomeadores. As crenças sobre o valor e o significado dos nomes interferem em sua escolha de nomes: ao passo que algo ou alguém é nomeado, esse nome adquire mais valor, um peso diferente de quando não era, ainda, um ser nomeado. Dessa forma, nomear envolve fatores históricos, sociais e humanos.

Nos parágrafos anteriores, o verbo nomear, o substantivo dele derivado, nomeação, e também o substantivo comum, nome, foram usados de maneira imprecisa mesmo que a referência tenha sido feita

à nomeação específica que ocorre por intermédio dos nomes próprios, tendo em vista os vários tipos de nomes próprios existentes. Neste artigo são abordados um tipo específico de nome próprio de pessoa (ou antropônimo) chamado prenome.

O prenome é o primeiro nome pelo qual o indivíduo é chamado em sociedade, antigamente conhecido como nome de batismo (Amaral; Seide, 2020, p. 74). Os prenomes podem ser simples, compostos ou justapostos, para exemplificar: Lucas (simples), Maria Luiza (composto), Gustavo (simples), Luciano Henrique (justaposto). O prenome é aquele que vem antes do sobrenome e, no caso de haver prenomes compostos ou justapostos, haverá mais de um substantivo próprio no interior do prenome resultando num sintagma prenominal formado por um ou dois prenomes. Focando os prenomes presentes nas listas de desaparecidos, o objetivo deste artigo é mostrar, por meio de análise etimológica, que o léxico antroponímico de Petrópolis reflete as características do sistema antroponímico brasileiro, de acordo com o estudo anterior de Soledade (2019), e acompanha o processo de formação do léxico da língua portuguesa em geral e do Português Brasileiro em particular.

Esta pesquisa recebeu importante contribuição de Soledade (2019) que analisou os prenomes do Português Brasileiro registrados pelo IBGE¹ do ponto de vista etimológico e sócio-histórico. Na última seção deste artigo, os resultados obtidos por ela são comparados com os obtidos nesta pesquisa.

Outra contribuição importantíssima para esta pesquisa é abordagem proposta por Guérios (1980) para os estudos antroponímicos. Segundo o autor, antropônimos podem ser estudado sob dois aspectos: o aspecto linguístico, que retoma a origem das palavras (etimologia) e o aspecto social, que trata das razões do nome ser ou ter sido de tal forma. Guérios (1980), também, utiliza a metáfora de que os antropônimos são como fósseis da língua e seu estudo junto com a toponímia reconstrói diversos elementos da língua em questão.

Guérios explica que os aspectos social e psicológico se refletem/ estão presentes nas civilizações desde as muito antigas. Há, em dada época, num determinado lugar, preferência por certos nomes próprios que encontra justificativas na religião, na política e na história. Em outras palavras, a predileção por determinado nome não é fortuita, mas

¹ Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>>

sim motivada (Guérios, 1980, p. 18). Neste artigo, focam-se os aspectos linguísticos e etimológicos os quais são contextualizados no âmbito da Histórica Social, como o faz Soledade (2019).

Com relação aos procedimentos metodológicos da pesquisa, ela foi desenvolvida em diferentes etapas: constituição de um repertório de prenomes, contextualização da pesquisa, análise dos dados coletados e discussão dos resultados obtidos.

A constituição do repertório de prenomes teve início pela leitura e análise de uma notícia jornalística que notificava a listagem dos nomes de moradores e turistas desaparecidos na cidade de Petrópolis após forte temporal ocorrido em fevereiro de 2022. Coletados os nomes apresentados nesta notícia inicial, a listagem foi completada pelos nomes mencionados em notícias no site Metrópolis², e no site Poder 360³. Em seguida, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre a cidade de Petrópolis para a contextualização dos dados, os resultados dessa pesquisa estão descritos na segunda seção deste artigo.

Após a contextualização da pesquisa, foi feita a análise etimológica desses nomes segundo Guérios (1980), e organização dos nomes em tabelas. Quando o étimo do nome não foi encontrado no dicionário de Guérios (1980), procurou-se informação no site *Behind The Name*⁴. Para discussão dos resultados, obtidos nesta pesquisa, estes foram comparados com os de Soledade (2019) e utilizamos também as pesquisas sobre a constituição lexical da língua portuguesa mencionadas na introdução deste artigo e desenvolvidas por Piel (1989) e Vilela (1994).

Cumpre esclarecer que tanto Piel quanto Vilela em seus estudos consideram o étimo dos itens lexicais que vieram a constituir o léxico da língua portuguesa. Quando se trata de nomes próprios de pessoa é também necessário considerar a língua em que estão registrados. O étimo latino petr-, por exemplo, deu origem ao substantivo comum pedra e ao nome próprio *Pedro* em língua portuguesa e *Peter* em língua inglesa. O prenome Paulo tem, por étimo, a palavra latina *paulus* que quer dizer pequeno (Viário, 2004, p. 313). Há o mesmo nome em língua espanhola, o nome *Pablo*, na língua inglesa há o nome *Paul* e também *Pierre* em francês. Considerando também a língua em que está o prenome, para os

² Disponível em: <<https://www.metropoles.com/>>

³ Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/>>

⁴ Disponível em: <<https://surnames.behindthename.com/>>

fins de pesquisa deste artigo, considerou-se como sendo um prenome de origem luso-brasileira os nomes registrados na língua portuguesa cuja origem não é hebraica, isto é, não remonta a nomes do antigo testamento.

3 O contexto da pesquisa: a cidade de Petrópolis

Segundo Garcia (2022) e o próprio site da prefeitura de Petrópolis⁵, a cidade que teve sua fundação no ano de 1843 pelo Imperador Dom Pedro II, era, antes disso, a Fazenda do Córrego Seco, uma área serrana muito úmida e com muita mata. Quando se começou a ocupação da cidade, a intenção é que houvesse plantações, porém, os alemães, que foram os primeiros colonizadores de Petrópolis, eram provenientes de meios urbanos, não eram habituados ao cultivo da terra e a própria região se mostrou incultivável. Desde o início das visitas de Dom Pedro à cidade, ele era acompanhado por outras pessoas da alta sociedade e apreciavam o veraneio com festividades e muita cultura. A partir desta tradição, a cidade se consolidou como uma cidade turística até hoje muito visitada.

Quando Petrópolis foi projetada, foram levadas em consideração diversas questões geográficas e urbanísticas (Silva, 2019), entretanto, com o passar do tempo, houve aumento da população, a cidade cresceu de forma desordenada fazendo com que muitos dos novos habitantes tivessem suas casas construídas em terrenos perigosos propensos a desastres naturais.

Como explica Silva (2019), nos primeiros anos de sua fundação, Petrópolis seguiu o plano urbanístico de Koeler, contudo, o próprio plano de Koeler não previa o monitoramento total das construções das casas que não eram de primeira ou segunda categoria, ou seja, não se tinha uma verificação de tempos em tempos das casas construídas mais afastadas do centro da cidade. Esta falta de controle urbanístico explica a atual concentração de moradias construídas em locais inseguros onde há um histórico de inundações e deslizamentos:

Petrópolis teve seu sítio histórico (parte atual 1º distrito) projetado no século XIX, com quarteirões e vias definidas em um plano urbanístico, que considerava características físicas e processos naturais para a definição das áreas dos lotes e outras características, planejamento muito eficiente para a realidade da época. No

⁵ Disponível em: <<https://www.petropolis.rj.gov.br/turispetro/nossa-historia>>

entanto, ao longo da evolução do espaço esse planejamento foi se perdendo devido à expansão urbana, consolidando-se de maneira desordenada ao longo do tempo, culminando em uma série de áreas que hoje sofrem recorrentemente com desastres que afetam a sociedade metropolitana (Silva, 2019, p. 17).

Ainda é necessário referir ao histórico de desastres ambientais em Petrópolis. Em 2014, Petrópolis foi considerada como uma cidade em busca do caminho da resiliência⁶, tendo em vista que

cidade resiliente é aquela que tem a capacidade de resistir, absorver e se recuperar de forma eficiente e rápida dos efeitos de um desastre natural, humano ou misto, impedindo que vidas e bens sejam perdidos, através de uma resposta rápida, integral e integrada (Cohen; Séguin; Assumpção, 2014, p. 322).

Petrópolis é uma cidade que se destaca, infelizmente, por desastres registrados pela mídia desde sua fundação em 1843. Segundo Cohen; Séguin; Assumpção (2014), no período de 1991 e 2010, contabilizou cerca de 28 eventos ambientais só em Petrópolis.

Não obstante o perigo a que se expõe boa parte dos moradores da cidade, Petrópolis é uma cidade turística com diversas atrações, entre as quais podem ser citados o Museu Imperial, Museu Casa de Santos Dumont, Casa da Princesa Isabel, Cervejaria Bohemia, Correios e Telégrafos, Catedral São Pedro de Alcântara, Palácio Amarelo – Câmara Municipal, Museu de Cera de Petrópolis, Theatro D. Pedro, Museu de Porcelana de Petrópolis.

4 Apresentação e discussão dos resultados obtidos

No repertório de prenomes foram encontrados cerca de 299 itens lexicais contados isoladamente, isto é, desmembrando os nomes

⁶ “O lançamento no Brasil da campanha Construindo Cidades Resilientes: Minha Cidade está se Preparando e da Estratégia Internacional para a Redução de Desastres (Eird), da Organização das Nações Unidas (ONU), são iniciativas agasalhadas pela Secretaria Nacional de Defesa Civil (Sedec), subordinada ao Ministério da Integração Nacional, e a essas se soma a Lei 12.608/2012, que pretendem sensibilizar governos e cidadãos para os benefícios de se reduzir os riscos por meio da implementação de 10 passos para construir cidades resilientes” (Cohen Séguin; Assumpção, 2014, p. 328).

compostos e os justapostos e quantificando-os como se fossem nomes simples. Desses 299 nomes, 122 estão registrados na língua portuguesa e não tem origem na língua hebraica, isto é, não tem por origem nomes do Antigo Testamento. Sendo o português uma língua relativamente recente (séc. XII) é importante esclarecer que não há um étimo que seja português, uma vez que os nomes herdados da tradição luso-judaico-cristã que ingressaram no território nacional por meio da colonização portuguesa possuem étimos variados.

Foram encontrados 7 nomes de origem árabe. Já os nomes de origem francesa fazem parte de nomes compostos e justapostos e somam 5 prenomes. Também existem 11 nomes com étimos de origem russa ou espanhola.

Na categoria nomes de origem cristã, mas não relacionados com à língua hebraica ou com a língua aramaica (excluindo-se por exemplos nomes formados pelo prenome Maria), há apenas 2 nomes. Já para as línguas celta, escocesa, aramaica, escandinavo, tupi, e irlandesa foi encontrado apenas 1 prenome em cada língua.

Apresentados os resultados obtidos pela análise da origem dos prenomes, eles são analisados e comparados com as pesquisas anteriores de Piel (1989), Vilela (1994) e Soledade (2019).

A análise começa com os prenomes formados com nomes de origem latina. Segundo Soledade (2019), o que explica a presença de prenomes de origem latina na Língua Portuguesa é a retomada desses nomes através da história, da literatura, da poesia e principalmente por meio de mitologias, que são histórias que narram nossa história de forma ficcional ou não. Ainda sobre a presença do latim no português, Vilela (1994) disserta acerca dos latinismos terem entrado primeiro no latim eclesiástico nos séculos XIV e XV, enquanto o Humanismo dava força ao latinismo dentro do português:

Os chamados latinismos são particularmente importantes: através de traduções nos séculos 12 e 13, através do It. Eclesiástico nos séculos 14 e 15, e sobretudo no século XVI (cfr. Herculano de Carvalho 1984: 123) - na época do humanismo -, em que se deu a relatinização do português, provocando a formação de formas duplas com conteúdo mais ou menos específicos, tais como: mácula/mancha, cadeira/cátedra, solteiro/solitário [...] (Vilela, 1994, p. 15).

De fato, nos estudos de Vilela (1994, p. 12) é reforçado que “o léxico do português atual é o resultado de um fio condutor essencial, o que provém do latim, e de vários elementos, onde há empréstimos múltiplos e variados condicionamentos socioculturais”. E não apenas Vilela (1994) e Soledade (2019) afirmam essa relação do léxico português ser composto por diversos elementos latinos, como também Piel (1989) o atesta em seu trabalho.

Como exemplo de prenome de provável origem celta, Soledade (2019) cita o prenome *Viriato*. Também, há como exemplo nomes de origem céltica que chegaram ao latim e posteriormente no português com a lenda do Rei Artur, nomes como *Artur*, *Morgana*, *Percival* (Soledade, 2019, p. 416). Entre os prenomes encontrados na análise da lista de desaparecidos com o étimo no latim, estão *Marcos*, *Paulo Sérgio*, e *Amanda*.

Há também, nomes bíblicos como *Neemias Rafael* e nomes que remetem à mãe de Cristo como *Ana Maria*, *Maria Bernadete* e *Maria Aparecida*. A explicação para a presença desses nomes remota à colonização no Brasil pelos portugueses com a cristianização. Um dos nomes mais frequentes foi o nome Maria na forma composta, por exemplo *Maria das Graças* que aparece cinco vezes.

Além disso, esse fato se verifica no dicionário de Guérios (1980), no qual a respeito do nome *Maria*, o autor discorre: “Hoje em dia é comum o nome *Maria*, mas seguido de outro, que se explica ou por devoção ou por homenagem a uma pessoa da família: *M. Alice*, *M. Emília*, *M. José*, *M. Josefia*, *M. Rosa*, etc.” (Guérios, 1980, p. 26).

Já com relação aos antropônimos de origem norte-americana presentes na língua portuguesa, Soledade (2019) cita vários nomes adotados, sobretudo, por influência cultural americana, o cinema, a música, a televisão, e a literatura como meios de transmissão. A pesquisadora (2019) destaca ainda os prenomes: *John*, *Stephany* e *William*.

Sobre os nomes que continuam a entrar na antroponímia portuguesa, a onomasticista destaca o elemento formativo muito comum entre eles –*son*, –*ilson*, –*erson*, *irson*. No elenco de nomes analisado neste artigo, há o nome *Emerson*. Entre os nomes de origem norte-americana também foram encontrados *Sidinei* e *Allana*.

Vilela (1994) também comenta sobre os anglicismos presentes no léxico português:

Os anglicismos, sobretudo a partir do século XVIII, e a dado momento os americanismos, direta ou indiretamente, inundaram o léxico português e em quase todos os domínios, os que vão desde os novos conceitos de lazer até às designações da (mais) alta tecnologia (Vilela, 1994, p. 20).

Há, na lista de nomes de desaparecidos, prenomes de origem francesa como: *Aline* e *Bernadete*. De acordo com Soledade (2019), nome com esta origem ganha impulso em 1816 com a Missão Cultural Francesa, quando o Brasil ainda era colonial. Essa época teve influência dos pensadores Montesquieu e Voltaire. Além disso, Soledade (2019) acrescenta diversos momentos para provar o quão forte foi o francês no Brasil.

Um desses momentos de grande importância foi entre o século XIX e XX, a “Belle Époque Tropical”, na qual o francês esteve presente em praticamente todas as áreas. Não podemos desconsiderar a fundação da Academia Brasileira de Letras que se pautou na Academia Francesa de Letras. Houve ainda forte influência francesa nos anos 30 e 40, quando a Universidade de São Paulo foi inaugurada (Soledade, 2019, p. 439-440).

Além disso, Piel (1989, p. 15) acrescenta que diversos latinismos e grecismos foram primeiro apropriados no francês para então chegar ao português. De acordo com Vilela (1994) entre os diversos componentes do francês há os exemplos de: “omelete”, “toilette”, “licor” e “fetiche” (Vilela, 1994, p. 20).

Soledade (2019) informa que não são muito mencionadas as contribuições da língua grega para o léxico, no entanto, isto é compreensível, tendo em vista que muitas das palavras de origem grega passaram por um processo ao chegar no português, pois passou pelo “latim medieval, no francês, ou no inglês, sendo em seguida adaptadas para o português” (Viaro, 2004, p.236 *apud* Soledade, 2019, p. 417).

Soledade (2019) lista três grupos pelos quais os antropônimos gregos chegaram à língua portuguesa, por meio de: “1) filósofos, escritores, pensadores e figuras históricas, 2) nomes de personagens mitológicos, 3) nomes de personagens literários.” (Soledade, 2019, p. 417-418). Além dessas vias deve-se levar em consideração a influência religiosa na escolha dos prenomes por parte dos pais. Exemplificando nomes em uso no Brasil para cada um dos três grupos citados, há, no primeiro grupo, principalmente, nomes de pensadores e importantes filósofos como *Aristóteles* e *Tales*. No segundo grupo, temos os nomes:

Apolo, e *Dione*. No terceiro grupo temos: *Helena* e *Heitor* (Soledade, 2019, p. 418).

Analisando os prenomes encontrados da lista dos desaparecidos de Petrópolis, o prenome *Sofia* foi o mais frequente dos prenomes de origem grega, já que aparece 3 vezes como *Sofia*, 1 vez como *Sophia* (com *ph*) e 1 vez como forma composta *Helena Sofia*. Aqui podemos confirmar que os dados de Soledade, novamente, se igualam com os dados encontrados do étimo específico do nome: podemos dizer que *Helena* remete à mitologia grega, se encaixando na segunda via pela qual chegou ao português.

É preciso considerar também os prenomes com étimo no hebraico e aramaico que foram adotados por influência da religião, Soledade (2019) esclarece que o uso de palavras provenientes dessas línguas está relacionado com a propagação do cristianismo pela Península Ibérica. O cristianismo teve força ao longo da Idade Média e foi nesse momento que os antropônimos de origem hebraica entraram em cena e os nomes bíblicos que tiveram mais impulso foram: *Maria*, *Ana*, *José* e *João* (Soledade, 2019, p. 423).

No trabalho de Soledade (2019), foram percebidas semelhanças nos nomes encontrados de Petrópolis, pois, a autora fez um levantamento de nomes hebraicos presentes no Brasil segundo dados do IBGE e entre os 100 prenomes mais comuns estão os nomes femininos *Débora* e *Sara* que coincidem com os nomes encontrados em Petrópolis, e o nome masculino *Daniel* (Soledade, 2019, p. 424).

Também é possível analisar o vínculo com o cristianismo observando alguns exemplos citados por Vilela (1994, p. 20) “termos como hissope, hossana, aleluia, balsamo, sábado, satanás”, mais além, o autor cita também alguns nomes de pessoas como *Rute*, *José*, *Isaiás* e *Daniel*. Esse último nome esteve presente na pesquisa de Soledade (2019) e na lista dos desaparecidos da cidade de Petrópolis, RJ.

A existência de prenomes de origem germânica remonta ao sistema antropônimo da Idade Média e durante esse período o sistema antropônimo se modificou um pouco. Soledade (2019) aponta em seu trabalho pesquisas interessantes que sugerem que nesse momento houve a evolução de o prenome ser constituído por dois elementos.

Um resultado que se encontra de acordo com o levantamento dessa pesquisa é que a maioria dos prenomes germânicos que teve continuidade na língua portuguesa são masculinos. Na lista dos 100 nomes mais

populares registrados no IBGE e abordados por Soledade (2019, p. 12) temos nomes como: *Carlos, Luiz e Geraldo*. Na amostra de nomes de desaparecidos, também há prenomes masculinos germânicos: *Geraldo*, como também *Bernardo* (5x) entre outros.

Com relação aos étimos de origem alemã, Soledade (2019, p. 25) retoma a imigração alemã no Brasil, que teve início em 1820, sendo que uma das primeiras colônias foi a de São Leopoldo e que também havia alemães provenientes da Prússia. Já Vilela (1994) enfatiza a influência alemã com termos como “nazi” e “zinco”, além de “empréstimos semânticos como ‘visão de mundo’, ‘cosmovisão’, ‘jardim de infância’” (Vilela, 1994, p. 21).

Além disso, ressalta a pesquisadora baiana que “no léxico antroponímico a imigração alemã não só reforçará a influência germânica que já se difundia pelo território nacional, através da antroponímia herdada pela colonização portuguesa, bem como trará novos elementos” (Soledade, 2019, p. 26). Soledade (2019) cita como exemplo de prenomes alemães os nomes: *Greta e Heinz*. Dentre os prenomes coletados de Petrópolis encontramos *Leonardo* (2x) e *Rodolfo*.

Acerca dos étimos de origem espanhola, podemos dizer que houve grande imigração para o Brasil, vale ressaltar que os galegos foram os primeiros a chegarem, no ano de 1880. As famílias ficaram no Brasil permanentemente e trabalharam em fazendas, mais precisamente na agricultura de café. Em sua maioria, os espanhóis se fixaram em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia (Martins, 1980 *apud* Soledade, 2019, p. 438-439). Assim, Piel (1989, p. 15) de igual maneira salienta a presença do espanhol em alguns termos e que “datam da época do predomínio político e literário da Espanha”. Para ilustrar, são termos como *cavalheiro, guerrilha, tijolo e moreno*.

Já com relação aos nomes de origem espanhola que Soledade (2019) cita em seu trabalho, podemos destacar como exemplo: *Anita e Ruan*. Nesta categoria de nomes foram encontrados, entre os nomes dos desaparecidos, prenomes como *Luna e Fernando*: enquanto o primeiro é um nome próprio derivado de um substantivo comum em língua espanhola, o segundo tem seus primeiros registros em línguas germânicas, mas chegou à língua portuguesa através do espanhol.

Também houve, na amostra, o uso da preposição “de” em nomes como *Maria das Graças* (5x), *Maria da Glória*. Nestes casos, a partícula integra nomes marianos, isto é, nomes relacionados ao culto da mãe de

Jesus na tradição católica, como é o caso do nome *Maria Auxiliadora* e *Nilma das Graças* encontrados na amostra dos nomes dos desaparecidos de Petrópolis.

Os elementos advindos do árabe, mais conhecido como moçárabe, proporcionou vocábulos como “alface”, “álcool”, “arroz”, “nora”, “refém” (Vilela, 1994, p. 16) e muitos outros, Mattos e Silva (2009, p.7 *apud* Soledade, 2019) ressalta que foram muitos os topônimos, os nomes geográficos e os sobrenomes árabes que chegaram no português, para exemplificar: “aldeia”, “atalaia” e “Alcântara”. Entretanto, quando se trata de antropônimos, é notável que os prenomes não persistiram no português, por mais que em alguns casos houvesse o aportuguesamento de alguns nomes como “*Muhammad* transmutou-se em *Mafamede*, *Yūsuf* em *Jufez*” (Soledade, 2019, p. 417). Alguns desses prenomes, destacados por Soledade (2019), foram registrados no Brasil e constam no IBGE, como é o caso, por exemplo de *Aicha* e *Ibrahim*. E entre alguns dos nomes coletados há os nomes *Laila* e *Leila*.

Historicamente, quando se fala das contribuições italianas, é de conhecimento geral a imigração deles para o Brasil. De acordo com Soledade (2019), muitos italianos fixaram-se nas em São Paulo onde, em 1920, representavam um total de 9% da população total.

Inegavelmente os italianismos estiveram presentes no português, não só no português arcaico como também no português do séc. XVI, como Vilela (1994, p. 18) bem destaca e exemplifica: “atacar”, “bússola”, “crédito”, “maestro” e “piano”. Além disso, deve-se levar em consideração o que Soledade (2019) reforça: o fato de que os antropônimos italianos têm suas raízes no latim e no grego.

Sendo assim, foram encontrados 9 nomes na língua italiana. Entre os prenomes estão *Rita*, *Lucas* (2x) e *Enzo*. Desses nomes, *Lucas*, citado como *Luca* por Soledade, e *Enzo* também estão presentes em Soledade (2019) e nos nomes dos desaparecidos. Outros nomes ainda são citados por Soledade (2019) como *Pietro* e *Bianca*.

A língua tupi faz parte de uma família linguística que tem troncos como tupi-guarani, wayãpi e outros de origem não guarani. (Viaro, 2004 *apud*, Soledade, 2019, p. 429). Soledade (2019) discorre ainda que são muitos os topônimos de origem tupi, mas que os antropônimos não são muito comuns.

Não são muitos os antropônimos de origem indígena em uso atualmente devido a alguns fatores, como o extermínio de milhões dessa

população e devido ao processo de catequização, processo em que, ao ser batizado, o índio recebia um novo nome, possivelmente um nome voltado para a religião cristã. Também não se pode descartar a ideia de que esses indivíduos tenham continuado a usar seu nome de nascimento de forma clandestina, isto é, sem o conhecimento daqueles que os batizaram.

Nomes como *Yara/Iara*, *Maiara*, *Tainá*, *Cauã* e *Ubirajara* fazem parte no léxico antroponímico de origem indígena (Soledade, 2019, p. 430). Entre os nomes de desaparecidos no desastre ocorrido em Petrópolis, há o nome *Bira*, que é a abreviação de *Ubirajara*. Soledade chama a atenção para o fato de que, nos poucos nomes desta origem que perduram na língua portuguesa, não mais existe uma relação de identidade étnica visto serem usados tanto por indígenas, quanto por não indígenas, sendo, pois, necessária a realização de pesquisas sobre a escolha de prenomes em comunidades indígenas nos dias de hoje e também pesquisas históricas sobre os processos de nomeação dos indígenas desde a colonização (Soledade, 2019, p. 430).

5 Considerações finais

A pesquisa apresentada ao longo deste artigo analisou os prenomes encontrados em listas de desaparecidos da cidade de Petrópolis, recorte feito após o desastre de fevereiro de 2022, procurando evidenciar o repertório de prenomes do Português Brasileiro como parte do léxico da língua portuguesa. Para tanto, foi usado o aporte teórico de Soledade (2019), Amaral e Seide (2020), Guérios (1980), Vilela (1994) e Piel (1989). A pesquisa foi esclarecedora sob aspecto sócio-histórico porque, com o desenvolvimento da pesquisa, foi possível verificar muitos dos prenomes citados no trabalho de Soledade (2019) estão presentes na amostra de prenomes analisadas o que evidencia que a amostra é representativa da antroponímia brasileira.

O repertório de prenomes do Português Brasileiro, isto é, o conjunto de prenomes usados para designar as pessoas acompanha, em linhas gerais, a formação do léxico do idioma. Assim, há nomes comuns e nomes de pessoas de origem latina, de origem grega e de origem bíblica e também nomes provenientes da língua francesa e da língua inglesa. Além disso, existem algumas peculiaridades do repertório brasileiro, para além da predileção de nomes religiosos, muito utilizados por influência da doutrinação católica portuguesa desde os tempos coloniais,

peculiaridades que a diminuta amostra analisada ao longo deste artigo não foi capaz de detectar, mas que requerem pesquisa posteriores. Possíveis tópicos para futura pesquisa incluem o uso de prenomes de origem indígena por não indígenas e o seu inverso, uso de nomes não indígenas por indígenas, extinção de nomes e processo de nomeação de origem africana, motivações para uso de grafia não padrão de prenome, criação de neologismos antroponímicos e processo de escolha de nomes em famílias de recém imigrados entre outros.

Referências

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Ed. Blucher, 2020.

BEHIND The Name: The Etymology and History of Surnames. [S. l, 2002]. Site. Disponível em: <<https://surnames.behindthename.com/>>. Acesso em: 02 fev. 2023.

COHEN, Simone Cynamon; SÉGUIN, Elida; ASSUMPCÃO, Rafaela dos Santos Facchetti Vinhares. Petrópolis: Uma cidade no caminho da Resiliência? *Revista de Direito Ambiental*, São Paulo, v. 75, p. 317-337, jul./set. 2014.

GARCIA, Vinicius Moraes. *Políticas culturais do SESC RJ para valorização de artistas visuais em Petrópolis/RJ*. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/32847>>. Acesso em: 26 maio 2023.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*. 2. ed. São Paulo: Editora Ave Maria LTDA, 1980.

PIEL, Joseph-Maria. *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989.

SILVA, Luiz Henrique Alves da. *Análise da dinâmica de ocupação do município de Petrópolis (RJ) e suas implicações na formação de espaços de risco*. 2019. 85 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SOLEDADE, Juliana Barbosa Coelho. Origens e estruturação histórica do léxico antroponímico do português brasileiro. *Macabéa: Revista eletrônica do Netlli*, v. 8. n. 2. p. 411-452, jul./dez. 2019.

VIÁRIO, Mário Eduardo. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português*. São Paulo: Editora Globo, 2004.

VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

Recebido em: 22 de abril de 2023.

Aprovado em: 17 de agosto de 2023.